

SHORTPAPER

Resiliência: o novo norte

Resilience: The New Compass

José Renato Nalini *¹

¹UniRegistral

Resumo

Esta reflexão discute os desafios causados pelo aquecimento global, que resultaram em mudanças climáticas intensas, levando à emergência de fenômenos climáticos extremos. Destaca a necessidade de ações governamentais e da sociedade civil para adaptar as cidades a esses novos desafios, com foco na construção de cidades resilientes, em vez de apenas mitigar os efeitos das mudanças climáticas. A reflexão sobre a resiliência climática é central, apontando a importância da preparação das cidades para enfrentar desastres naturais, como as chuvas fortes e enchentes, exemplificadas pelas ações preventivas em São Paulo. Além disso, enfatiza a urgência do reflorestamento e o respeito pela biodiversidade, destacando a importância de educar a sociedade sobre a preservação ambiental. A resiliência é apresentada como uma ferramenta para o futuro das cidades e da humanidade, que precisa de ações responsáveis e inovadoras de todos nós.

Palavras-chave: Aquecimento global; Mudanças Climáticas; Resiliência; Biodiversidade; Florestas urbanas.

Abstract

This reflection discusses the challenges caused by global warming, which has led to intense climate changes, resulting in the emergence of extreme weather phenomena. It highlights the need for governmental and civil society actions to adapt cities to these new challenges, with a focus on building resilient cities, rather than merely mitigating the effects of climate change. The reflection on climate resilience is central, pointing out the importance of preparing cities to face natural disasters, such as heavy rains and floods, exemplified by the preventive actions in São Paulo. Furthermore, it emphasizes the urgency of reforestation and respect for biodiversity, highlighting the importance of educating society about environmental preservation. Resilience is presented as a tool for the future of cities and humanity, which requires responsible and innovative actions from all of us.

Keywords: Global Warming; Climate Change; Resilience; Biodiversity; Urban Forests.

O aquecimento global produziu mudanças climáticas de tal intensidade, que hoje só se pode falar em “emergências climáticas”. Por isso é que a atuação do governo e da sociedade civil deve focar a adaptação das cidades para o enfrentamento de fenômenos extremos, que se tornarão a cada dia mais frequentes.

Em lugar de mera mitigação ou atenuação dos efeitos das alterações do clima produzidos por nossa insensatez, é preciso construir cidades resilientes, capazes de superar os resultados dessa verdadeira enfermidade planetária. Instigante, sob tal vertente, refletir sobre “A resiliência climática como nova definidora do desenvolvimento”.

Cientistas do mundo inteiro emitiram alertas de que a excessiva e crescente emissão dos gases causadores do efeito-estufa iria tornar inabitável o planeta. Muitos deles acreditam que o ponto de inflexão já foi ultrapassado e que não há mais como reverter a situação de descalabro que conduzirá a humanidade ao caos.

Todavia, é preciso confiar na capacidade humana de adaptação ao inesperado, de superar dificuldades aparentemente irremovíveis e de preparar o ambiente para as respostas que a natureza endereçará aos humanos.

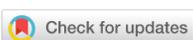
Ocorrências como as que vitimaram o Rio Grande do Sul em maio e que acontecem em todo o globo servem também para conscientizar quem se mantém omissos e inerte, como se não viesse a sofrer consequências do desastre.

Sabe-se que providências de adaptação da cidade oneram muito menos o orçamento municipal do que reconstruir aquilo que as intempéries destroem. Sem falar que há bens inteiramente insuscetíveis de restauração, como a vida humana.

A capital paulista é um exemplo de grande metrópole atenta ao que se tem registrado e ao que ainda virá. De 2021 a 2024, quase dez bilhões de reais foram investidos em macrodrenagem, retificação e limpeza de córregos, edificação de muros de arrimo e de contenção, ampliação dos cha-

*Autor de correspondência: renatonalini@prefeitura.sp.gov.br

Citar como: Nalini, J. R. (2024). Resiliência: o novo norte. *Journal of Racial and Ethnic Social Equality*, 3(1), 21 – 22. <https://doi.org/10.55547/jrese.v3i1.36>



mados “piscinões”, desentupimento de bueiros e bocas-de-lobo, obras localizadas de microdrenagem e uma série de outras intervenções do Poder Público local, com o propósito de salvar vidas e patrimônio privado.

O resultado desse trabalho que não aparece, nem merece aplauso, é a incoerência de morte por afogamento ou desmoronamento durante as chuvas de verão de 2023-2024. Esta temporada de chuvas ocorre de novembro a março e existe na Prefeitura Paulistana, um PPCV, - Plano de Prevenção de Chuvas de Verão, coordenado pela Secretaria Executiva de Mudanças Climáticas. A própria existência de uma Secretaria Executiva de Mudanças Climáticas é sinalização de que o tema tem merecido atenção e cuidados de parte da gestão municipal.

Uma das iniciativas da municipalidade é a entrega, à população, dos chamados “jardins de chuva”. São espaços públicos de pequena dimensão, liberados de concreto, cimento ou asfalto, para uma destinação verde. Um dos problemas das grandes cidades que sofreram o fenômeno de exagerada densificação, é se tornarem espaços impermeabilizados, que acartam inúmeros inconvenientes para o Poder Público e para os moradores. De fato, quando a água das precipitações pluviométricas se acumula, não havendo como escoar, por falta de solo drenável, ela se transforma em violentas enxurradas, que levam consigo o que encontram pela frente.

O “jardim de chuva” é uma iniciativa pouco dispendiosa, considerados os seus benéficos efeitos. A ideia é sua multiplicação, para que a cidade toda passe a ostentar a condição de “cidade esponja”, ideia desenvolvida na China e logo adotada em inúmeras outras localidades. Outra iniciativa promissora é a criação de “Florestas Urbanas”. Embora São Paulo passe a contar com 26% de área verde com vocação de perpetuidade, a partir da inclusão em seu patrimônio de mais quarenta e três espaços ainda ocupados por cobertura vegetal e nascentes d’água, a distribuição do verde é bastante desproporcional. Regiões como a Zona Leste ainda são desservidas do verde necessário à sadia qualidade de vida.

É oportuno pensar em “vagas verdes”, subtraindo às áreas reservadas a estacionamento de veículos, espaço suficiente para o plantio de espécies da mata atlântica, de todo porte, não apenas “árvores anãs”, mas também arbustos, um conjunto expressivo da exuberância de nossa biodiversidade.

Será importante e torna-se a cada dia mais urgente, reservar áreas para a destinação ambientalmente correta: florestas urbanas, florestas de bolso – a mesma ideia, só que em diminuta proporção – e jardins de chuva. Uma cidade resiliente precisaria raciocinar de forma incessante em aumentar espaços permeáveis. É o que evita mortes e prejuízos materiais.

Ademais, árvore é a mais racional e menos dispendiosa ferramenta de que os racionais podem se servir para obter qualidade de vida compatível com o princípio da dignidade humana. Vale a pena ler o livro “O mutirão das árvores: queremos sombra e água fresca”, escrito pelo educador Cláudio de Moura Castro, que – além de ser um pensador lúcido e respeitado – também se dedica a esse projeto de encarar o maior plantio de árvores tropicais do mundo. O objetivo, diz ele, “é criar uma grande mobilização para atingir, no menor tempo possível, todas as comunidades brasileiras”.

É lamentável que a imensa floresta consolidada no território brasileiro durante milênios, tenha sido destruída em apenas quinhentos anos. Desde a chegada dos portugueses, os chamados “racionais” só exterminaram o verde. Isso por uma ignorância a caminhar de braços dados com a ganância. Por isso, a questão do replantio dos bilhões de espécies sacrificadas é uma questão essencialmente de educação. Como observa Claudio de Moura Castro, “é preciso que a sociedade entenda o que está acontecendo com a Terra, mostrando as perdas resultantes de um uso predatório e irresponsável dos seus recursos naturais. Tem que entender que boa coisa não pode resultar disso”.

É urgente disseminar um elevado respeito pela maravilhosa biodiversidade brasileira. Ninguém é capaz de “produzir” uma árvore que presta serviços ecossistêmicos gratuitos durante séculos, mas com o uso de potente motosserra, qualquer humano é capaz de fazê-la perecer. Proclamar o amor à árvore, o respeito que ela merece, faria com que as novas gera-

ções não só se preocupassem com o estado atual da maior parte da nação, mas se tornassem guardiãs e reflorestadoras de todo solo fértil de nosso território continental.

Enquanto não se atinge esse estágio de devolução, à natureza, dos bilhões de exemplares arbóreos que dela extraímos, cuidemos de tornar a cidade resiliente. Além daquilo que já se fez e que se continua a realizar, precisamos oferecer à população “refúgios térmicos”. Converter escolas, espaços públicos e privados, mas que sirvam para concentração de razoável número de pessoas, em locais de acolhimento quando ocorrerem as “ilhas de calor”, que já existem e causam mortes e desconforto. Principalmente em quem já se mostrar vulnerável por comorbidades como hipertensão, diabetes, problemas cardiovasculares, idade avançada ou infância fragilizada.

Simultaneamente à correção das deficiências produzidas pela insensatez no trato e ocupação da terra, que necessita de contínua atenção de parte do Poder Público, mas também de toda a sociedade civil, todos são chamados a exercer uma criatividade cidadã para responder à indagação: como é que nossa cidade pode minimizar os resultados catastróficos das intempéries provocadas pela incessante emissão de gases venenosos?

Resiliência, portanto, passa a ser um norte no radar das autoridades, mas também de todos os seres pensantes preocupados com um amanhã que se descortina como desafio grave, mas que não pode ser atribuído à ação da natureza. Os problemas ora enfrentados pela humanidade são causados pela própria humanidade. Que agora é chamada a elaborar respostas compatíveis com a seriedade do quadro.

Que haja reflexão, discernimento, mas ação decisiva e rápida. Não há tempo a perder.

Referências

- Foucault, M. (2008). *A Arqueologia do Saber*, 7 edn, Forense Universitária.
 URL: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4070132/mod_resource/content/1/FOUCAULT.pdf
- Freire, P. (1987). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, 11 edn, Editora Paz e Terra.
 URL: http://www.letas.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf
- Morin, E. (1999). Os sete saberes necessários à educação do futuro.
 URL: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EdgarMorin.pdf>

Autor

José Renato Nalini

Secretário de Mudanças Climáticas da cidade de São Paulo. Reitor da UniRegistral. Foi Presidente do TJSP e Secretário da Educação de SP. Professor.

E-mail: renatonalini@prefeitura.sp.gov.br